



Calvário

Para quem vai de nordeste, entrár no Porto é um suplício lento. Mas quem se dá ao cuidado de espreitar as ilhas e vielas por onde tem de passar, ainda fica mais atormentado.

Foi assim naquela tarde cinzenta de Fevereiro. Meti-me por Aguas Santas. Labirintos sinuosos fazem-me por vezes perder o sentido dos quadrantes. Mas avanço sempre. Muros caídos na berma dos atalhos, calcetados à portuguesa, são janelas abertas sobre prados verdes e macios. A natureza teima em não morrer nestas paragens, à beira da cidade. Os homens, ao invés, esses vão definhando em pequenas casitas, algumas de folha zincada ou madeira ensopada de chuva, encostadas a paredes musgosas. A estrada finda. É por campos que me enfia o carreiro. Montureiras fazem guarda de honra ao transeunte. Os silvados comem do lixo ali deposto. Cães e gatos também. Um grupo de barracas está no termo do caminho que levo. As moradoras abrem o cancelo do pátio comum.

— É ali. Veja.

Entro. Dobro o pescoço e aninho-me na «venda». A tia Olinda, surda e muda, já sem

andar, está sentada num pobre catre. Ao lado pequenos utensílios — a sua riqueza! Não tem parentes. São as vizinhas amigas que lhe têm acudido. E, ai dos Pobres se não forem os Pobres!

— Há oito meses que metemos os papéis mas ainda não veio nada. E a gente não pode mais.

Ora alguém tem de poder. A justiça de Deus faz-se infalivelmente. Alguém tem de ser o agente. Deus a todos pede ajuda. Deus é e quer ser Pobre. Quis e quer precisar dos Homens. Estes é que não querem precisar de ninguém. Bastalhes o dinheiro. Por isso a maioria gasta a vida na busca dele. E neste gastar mata dentro de si a riqueza que possui; os valores verdadeiros que lhe foram gratuitamente dados para render.

Estender a mão a esta Pobre para a reerguer é simplesmente fazer justiça.

Entro agora na circunvalação e estou em Pedrouços. Após algumas voltas encontro-me perdido. Socorro-me, suplicante, de um amável agente da autoridade. Mais adiante, de novo hesitante, dois rapazes tiram-me de dificuldades e fazem-me saber onde estou. Mais barracas apodrecidas. Uma fila alinha-se perfilada no cimo duma colina verde, lacrimejando água por todos os lados. É a invernia. Na última, a porta abre-se. A senhora Albertina está de cama. Uma cama de ferro antiga, farta de ouvir gemer quem nela tem passado quase vinte e oito, depois que enviuvou.

Cont. na 4.ª pág.

AQUI, LISBOA!

● «Que educação para Portugal?» é o tema duma reunião em curso, cuja responsabilidade primeira cabe à Associação de Pais, organização que desejáramos dinâmica e fortemente comprometida no bem dos jovens e do seu futuro. «Certo é que o primeiro e fundamental dever educativo recai sobre as famílias, embora coadjuvadas pela Igreja e pela Escola. A Família e a Escola está confiada, em boa parte, a educação das gerações novas que sobem para a vida. E é urgente que os pais orientem, de facto, a educação dos seus filhos e exerçam sobre a Escola a vigilância a que têm direito.» (Cardeal Patriarca)

Aqui há tempos, numa missão que consideramos das mais importantes, e de que não queremos abdicar, fomos a um estabelecimento de ensino da Capital perguntar pelo aproveitamento e porte de um dos nossos Rapazes. Grande foi o nosso espanto pelo facto de termos sido informados pelo Director de turma que éramos o primeiro encarregado de educação a interessar-se pelo seu educando e que, convocados

expressamente, outros dois não haviam aparecido. Se os Pais se demitem ou não são capazes de assumir as suas responsabilidades tudo é de prever.

Aos Pais católicos e a todos em geral, se alerta que devem viver em pleno as questões atinentes à instrução e educação de seus filhos. É que, como diz o senhor Cardeal Patriarca, no texto que estamos a citar, «conhecem-se casos que a Escola não está ao serviço das famílias». E mais: «Há professores que violentam a consciência moral dos alunos e pretendem impor-lhes ideologias totalitárias, rejeitadas não só pelo ambiente familiar desses alunos, como pela maioria dos cidadãos do País. Os Pais devem estar atentos e devem, se necessário, organizar-se para, através de processos democráticos, fazerem respeitar a sua vontade, face a uma escola desonesta e partidariamente politizada».

Toda a vigilância e toda a atenção não são demais. Conhecemos escolas, como na Te-

Cont. na 4.ª pág.

PRESENÇA

A Pastoral dos Bispos de Angola que começámos a referir, trata, na 1.ª parte, da Situação da Igreja em Angola e contrasta a esperança fundada em merecimentos e promessas com a realidade que tem sido.

Pela voz de Pio XII, no Natal de 1956, era expressa a «particular atenção da Igreja ao acesso de novos povos às responsabilidades da libertação política». Tivessem os governantes de então fixado também a sua atenção sobre esta tendência justa e irreversível e desenvolvido sinceros esforços no sentido de a preparar e a promover — e teriam sido evitados «os saltos impróprios da Natureza» que, infelizmente, se deram entre quase todos esses Povos ao ascenderem à emancipação política sem terem sido suficientemente acauteladas a formação da sua capacidade responsável e a autonomia de valores humanos, indispensáveis à autenticidade de qualquer independência.

Habituada, pois, «no decorrer dos séculos, em que viu nascer e crescer tantas nações» e sempre pioneira na expectativa de novos nascimentos, «toda a Igreja acolheu com júbilo a ascensão de Angola à dignidade de País soberano», conforme telegrafava Paulo VI por alturas da independência.

Mas, «a Igreja de Angola em particular, contribuiu para esta independência através do fermento de libertação evangélica e com sacrifício, muitas vezes sangrento, de tantos de seus filhos — sacerdotes, catequistas e simples fiéis» — o que lhe dá direito ao seu lugar na nova Pátria.

Por isso, «foi com alegria — prosseguem os Bispos — que verificámos» a promessa de que este lugar estava previsto e seria respeitado: «que na Lei Constitucional, tal como acontece na generalidade dos Estados modernos, se incluiu a liberdade religiosa».

«O certo é que, até hoje, ainda se não tomaram medidas para regulamentar essas disposições constitucionais que se tornam, assim, inoperantes»: «A Comunidade cristã continua a verificar dolorosamente uma sistemática propagação do ateísmo, o desfavor de crentes (...), profanações sacrílegas (...). Os Pais frequentemente nos manifestam sua desolação ao verem seus filhos, não só os adolescentes, mas até as crianças, levados para países longínquos com grave risco da sua fé e desrespeito pelos

Continua na QUARTA página



Aqui, em Paço de Sousa, e no Altar de todas as nossas Comunidades, celebraremos a Ressurreição de Jesus.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Um Amigo de Gaia com uma importância que «apareceu aqui no chão há quinze dias. Como não apareceu dono» é para os Pobres.

Assinante 1295, 200\$00. Oleo, 500\$00. O mesmo de Leiria. 100\$00 de «velha Amiga» de Lisboa. Assinante 22890, 250\$00. Mais 200\$00 para uma «família envergonhada». Assinante 2811, 300\$00. Idem, da assinante 17418. Porto com 100\$00. Do Minho, duas vezes mais. Aí vai parte da carta:

«Justifico esta pequena gota no mar imenso das dificuldades que tantos portugueses atravessam, com o facto de eu viver da pensão de invalidez e de alguns serviços que vou podendo fazer, tendo a meu cargo mulher e três filhos pequenos. Mas tenho um lar e algo mais que falta a tantos! Daí o desejo que tenho em ajudar os que sofrem...»

«Em memória de Helena», 20\$00. Mais «um pequeno contributo» de «um zero». As suas cartas são fogo!

Presença «amiga dos «Amigos de D. António Barroso». No Espelho da Moda — nosso depósito no Porto — entregaram donativos: assinante 13519; por «alma de Albertina», 100\$00; Laura, o dobro; 30\$00 de alguém; mais 100\$00 por «alma de Albertina»; e ainda «uma Alentejana».

Temos, agora, «uma portuense qualquer» com «migalhas» de Fevereiro. J. C. N., do Porto, 100\$00. A Paróquia de Cesar, 335\$00. Já não é a primeira vez que isto acontece! A Caridade é universal.

Assinante 9022 com a amizade de sempre. Rua das Amoreiras, Lisboa, quotas de Janeiro e Fevereiro e muito interesse pelos nossos Pobres. «Um leitor» d'algures com 50\$00. Arrifana, 200\$00. Assinante 8973, o mesmo — após divisão feita pelo nosso Padre Carlos. O vale de correio com «a partilha do salário de Fevereiro» e «saudações fraternais de uma Assinante do Seixal» — que nunca falha! Rua Ribeiro de Sousa, Porto, 1.200\$00. Agora mais 100\$00 de uma Vicentina da Madeira. Remanescente de um acerto de contas, proveniente de Rio Tinto. Vale de Matos, 20\$00 «para o mais pobre dos Pobres». S. João da Pesqueira, 50\$00. Assinante 5687, 150\$00. Idem 6010, 100\$00. Outra vez S. João da Pesqueira. Transvaal, 400\$00. Av. Fernão Magalhães, Porto, 300\$00. Monte Estoril, sobra de acerto de contas. Macedo do Peso, 100\$00. Assinante 9790 um donativo «com o anonimato habitual». Do Estoril, 200\$00, pela mão do assinante 1364. O costume do casal-assinante 17022. A. F. comparece com 140\$00 «por alma de minha Avozinha». 100\$00 de Armar. 250\$00 da rua Pascoal de Melo, Lisboa. Assinante 11162 com uma «migalhinha para os nossos Irmãos». Um Vicentino da capital comparece duas vezes, com a amizade de sempre. Eis a primeira:

«Já há bastante tempo (desde Outubro, salvo erro) que não tenho tido oportunidade de comunicar convosco. Essa oportunidade surgiu agora, no início da Quaresma ou não fosse ela «o tempo aceitável», o tempo oportuno de que fala S. Paulo.

Tempo de interiorização, de reflexão introspectiva em que o Senhor nos convida a sério exame de consciência sobre a maneira como cumprimos o Mandamento Novo que Ele nos deu: «Amai-vos uns aos outros».

O que fazer para que este sagração introspectiva em que o Senhor nos convida a sério exame de consciência sobre a maneira como cumprimos o Mandamento Novo que Ele nos deu: «Amai-vos uns aos outros».

Alvide com «o produto do trabalho realizado nos dias santos de guarda». Que bem! Maria Margarida, d'algures, 100\$00. Santa Cruz do Douro, «500\$00 para um necessitado». Rua da Lapa, Lisboa, 100\$00. Oportuna oferta de Minde. «Mãe de um assinante», de Lisboa, 200\$00. Assinante 21709, metade.

Muito obrigado, em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

Tojal

CARNAVAL — Creio ainda vir a a tempo de vos falar desta quadra. Até porque ela também por aqui passou.

Confesso a minha indecisão quanto à sua justificação. A sua origem é, tanto quanto eu sei, de origem pagã, antes mesmo da era de Cristo. Dá-me contudo a impressão de que se trataria, na sua origem, de um momento votado à alegria, à boa disposição, à folia salutar e organizada. Mais; a divertimentos civilizados. Isto é o que eu pressinto que era e deveria ser sempre.

Mas a realidade demonstra-me algo bem diferente; há alegria(?). Uma alegria forçada, simulada. Há boa disposição(?). Boa disposição «presa por um fio». Mas é imperioso que ela exista para que sendo carnaval «nada se leve a mal!»... Porque é necessário suportar as «jagunzeiras» dos mais atrevidos, as «brincadeiras» e os exageros desmedidos dos menos civilizados.

Não admira portanto que, por exemplo, se possa começar a brincadeira da água com uma simples pistola ou bisnaga e se acabe com um balde doméstico bem aviado... Recorre-se ac disfarce... Disfarce que nunca consegue, na maioria, ultrapassar a «máscara» diária de cada um.

Não admira portanto que se cometam atropelos e atentados à dignidade humana a pretexto de um dia alegre. Daí que acaba antes por ser de inactividade laboral e repleto de futilidade. Todo o mundo gira, toda a

gente goza e dança, mas poucos sentem a proximidade de um outro dia bem mais importante.

Tudo acaba na quarta-feira (Cinzas) onde há um despertar para a realidade e uma chamada de atenção para a natureza e condição de cada um. É o convite a uma reflexão que se impõe. É a Quaresma que começa, tempo em que se deve incentivar e fortificar a esperança para que tudo termine em Domingo de Páscoa, grande dia, com estrondosa e real alegria vinda do íntimo do coração e alimentada pela fé.

NOVOS — Estão por abrir inúmeras fichas relativas aos últimos Rapazes entrados. A falta de tempo, motivada por sobrecarga de trabalho de quem disso trata e a assiduidade com que estes têm vindo, originou o amontoado de cédulas, certidões, etc., enfim, de papéis que é preciso pôr em ordem.

Falo-vos nisto motivado pelo facto de muitos deles, que nem ficha ainda têm, mal terem chegado a aquecer o lugar. As famílias trouxeram-nos ontem. Entregaram-nos cheios de confiança em nossa (da Casa) capacidade para fazer deles alguém. Isto ontem, no dia em que os trouxeram. Para espanto nosso (que já não é assim tão grande) vêm buscá-los hoje! Que fazer? São da família. Têm poder sobre eles. Mas uma coisa é certa; vão e não voltam mais. Sim, porque isto não é para se andar a brincar aos meninos! Só é pena que por causa de uns outros estejam à espera. Que vejam retardada a sua entrada ou jamais a venham a conseguir, porque na altura própria foi impossível deixar de dizer não em favor dos que agora se vão.

DESPERTADORES — «Batei e abri-vos-ão. Pedi e dar-vos-ão.» São palavras bíblicas que nos incentivam a insistir neste pedido.

Não se trata propriamente de sono pesado. É compreensível que Rapazes jovens como nós, na idade em que se deve dormir bem, não estejam habituados a acordar cedo por si sós.

É o vaqueiro que tem de ir tirar o leite. O cozinheiro que vai preparar o pequeno-almoço. Os estudantes que vão para as aulas. Os chefes das camaratas que têm de pôr a pé, a horas, os seus Rapazes.

Creio que compreendêreis bem o porquê da nossa insistência, bem como a importância dos relógios despertadores que possais enviar-nos e que desde já agradecemos.

Jorge Cruz

Paço de Sousa

DISTRACÇÃO — A nossa avenida é outra vez notícia. E o Mendão, «Cascais» e «Malmequer» são os protagonistas.

Precisamos de patins. Mas... lá os arranjaram em algum lado e zás: põem uma tábuca em cima de um deles e rolam pela avenida abaixo. Para cima vêm a pé.

Os três andavam avenida abaixo, avenida acima com seus «carros-patins» que algum dia hão-de causar ferimentos aos condutores!

A velocidade é um pouco avançada

para a «potência» do patim e então alguma árvore há-de «pagar as favas».

Em quase todos os recreios os «automóveis» circulam na avenida Duarte Pacheco. Felizmente ainda não houve desastres, mas se um dia houver acabarão os «carros-patins».

Ocupam os tempos livres. Mas, cuidado, não se esbarrem senão o Sampaio tem trabalho no consultório.

OBRAS — A casa 4 tem o 1.º andar pronto.

O rés-do-chão, com mais um pouco de sacrifício, também já poderia estar, mas como houve outros afazeres, paciência!

Talvez durante este mês de Março se faça a inauguração do 1.º andar, que está mesmo bonito. Vamos ver se os seus habitantes terão o cuidado de manter a casa limpa e cuidada a primor. Não há desculpas!

OFFSET — Últimamente a nossa offset tem trabalhado.

Muitos dos nossos amigos leitores, responsáveis por grandes empresas fabris e comerciais, podem enviar-nos trabalho, se possível em grandes quantidades, para que a offset produza na medida das suas potencialidades.

O Jaime, neste momento, é o primeiro aprendiz do sector e, com a ajuda do Oliveira, mestre de impressão, já se desenrasca muito bem.

INSTRUMENTOS MÚSICAIS — A nossa campanha continua, pois ainda não temos a verba suficiente para o que pretendemos. Têm chegado várias respostas e donativos. Ei-los:

«Chamou-me a atenção a notícia «Instrumentos musicais» de um dos vossos números.

Sou um admirador das Festas que vocês organizam. E quando vêm ao Teatro Ribeiro Conceição; não falto, excepto a última, por motivos pessoais.

Gosto imenso de música. E como se trata de uma iniciativa da Obra — que muito estimo e amo — não quero deixar de me associar a ela. Verifico que outros já se pronunciaram e bem gostaria de ter um instrumento para vos oferecer.

Achei muita graça àquele que dizia: «Troco a hipótese bem incerta de algumas notas de mil, pelas notas certas dos vossos instrumentos».

Envio 300\$00 e saudações muito amigas para os Rapazes e srs. Padres. O vosso amigo de Lamego...

Mais uma ajuda da Foz do Douro:

«Envio 5.000\$00 para aquisição de instrumentos. Com a amizade e estima de sempre, a amiga...»

De Penafiel vieram 1.000\$00 e esta linda frase: «Dou infinitas graças a Deus por me ter ajudado a ajudar».

Uma amiga de Niza também com 1.000\$00.

De Jazende «500\$00 com os meus cumprimentos, esperando a vossa Festa com os novos instrumentos».

Não sabemos de onde vieram estes 100\$00: «Deus queira que esta chegue às vossas mãos».

Da assinante n.º 29921, 500\$00 e um voto: Deus nos «ajude a levar por diante essa grandiosa Obra».

Os seus pedidos serão cumpridos! Mais 50\$00 para outras «cordinhas de um dos vossos instrumentos...» «Que bom será uma futura e pequenina filarmónica dos gaiatos...» — S. Pedro do Sul.

Com estes donativos, que ainda não chegam, já temos algum dinheiro para abrir o activo. Com aquele que nós recuperamos, para os instrumentos, com as nossas Festas nos fins-de-semana, vai aumentando mais a quantia.

Nós também não estamos parados e com a ajuda de todos conseguiremos que as nossas Festas sejam mais alegres e divertidas.

Vamos para a frente! Uma migalhinha a cada um não custa nada! Muito obrigado.

«Marcelino»

Solidariedade

Partiste...

Tudo é triste!

Deixaste os bens que são teus
No lar onde nasceste.

Levas na alma

Paz, amor e gritos
Que são esperança dos aflitos,
Para combateres a fundo
Problemas do mundo
Com olhos de poeta, inocentes,
Pousados no Além...

Aí, terra do diálogo,
Modo de viver dessas gentes.
Relembras sorrisos
De peripécias decentes
Quando éramos crianças.

E cada passo da caminhada
Tem sabor a vitória desejada
Por todos os presos
E oprimidos.
Ao mesmo tempo
Que vais sentindo,
Com os lábios vermelhos
Dizes adeus baixinho
Às águas serenas
Do teu riacho pessoal,
Porque era normal
Tomares lá banho
Quando pequena.

Partiste...

Tudo é triste!

Hás-de encontrar
Entre desconhecidos
Alguém que se fará
Teu companheiro e amigo,
E com ele mostrarás
A ternura afectuosa
Do teu peito
A favor da liberdade
Qu'è um formidável direito.

Sê corajosa e sensata,
Quando vires
O horizonte escuro
De maldade provocada
Pelo homem imoral,
Porque tu não nasceste
Para ver fazer mal!

Manuel Amândia

A JUVENTUDE vítima do desemprego

Uma notícia pequena chegou-nos através de um jornal diário: a Juventude italiana é a maior vítima do desemprego que existe no seu país. Cerca de setenta por cento dos desempregados são jovens. Um milhão e tal... que, para sobreviverem, fazem biscates, descem à criminalidade, pedem esmolas, organizam campanhas... Daí a violência. A crise. De certeza a injustiça social e também democrática. A verdade da cultura do egoísmo está bem patente em todas as sociedades. A distribuição justa da riqueza de um povo é um direito sagrado a que os homens ainda não souberam dar cumprimento, a não ser pela fantasia das palavras e dos papéis. É a realidade. São as convulsões sociais e são as lições que daí não queremos tirar.

O fenómeno toca-nos já. Os jovens portugueses caminham para o desemprego a passos largos! Dezenas de milhar são números que se referem à juventude portuguesa caída no desemprego. Parte desse número inclui pessoas que, pela primeira vez, saboreiam a amargura do suor dos «sem trabalho». Começar a vida aos «avanços custa tanto! E pode gerar o desespero, a revolta, a fuga da realidade, o ócio, a fome e o crime... Não é isso...?

As nossas Casas existem e toda a gente sabe porquê. Rapazes que vêm de todos os lados e com marcas bem definidas. Aqui crescem e daqui saem para um mundo que, por vezes, lhes foi tão hostil quando pequenos! E agora, já grandes, nova hostilidade. Falta de emprego! Falta de casas... Bem, para nós isto é demasiado sério. Que de crises estamos nós cheios... E não ultrapassamos a maior — a causadora de todas as outras — cuja raiz está dentro de nós: O nosso querer amarrado a fórmulas bem pessoais. O nosso saber muito preso à cabeça. O nosso agir ainda débil quanto à prática da verdade das coisas. A nossa capacidade de amar virada ainda para o sentimentalismo. É verdade. Assim, qualquer rumo que sigamos, nunca as soluções serão solução, porque na altura própria assumimo-las, deixando o egoísmo à solta.

Se somos cristãos, que justiça partilhamos? Que amor?

O nosso empenho na transformação do meio em que vivemos começa no repartir justo do pão e acaba na comunhão desse ideal com os Outros e com Deus. A Justiça do Fim do mundo...

Padre Moura

Ainda não te dei contas de quanto veio ter às nossas mãos pela quadra jubilosa do Natal e até agora. O bafo quente de muitos amigos de todas as categorias sociais, de muitos credos e ideologias acalentou-nos o ânimo e deu força à nossa fé.

Pessoalmente, por cartas, vales do correio ou cheque, individual ou colectivamente, têm vindo de muitas partes do País e do mundo a incitar-nos a louvar, a agradecer, a pedir cada um conforme o desejo do seu coração.

O primeiro sinal da paz veio de um médico jovem natural de Setúbal com um cheque de 5.000\$. Os Vicentinos reuniram-se em nossa Casa e deixaram 4.207\$.

Antigas professoras nossas, do tempo em que pouco ganhavam, entravam antes e saíam depois da hora doída da situação dos rapazes, esqueciam-se de si-mesmas e, agora, lembram-nos com amor e saudade: 1.500\$ mais 5.000\$. Mais duas professoras com 1.000\$ e mais 2.000\$.

Grupos de trabalhadores de diversas empresas organizaram-se por sua própria iniciativa. Ninguém como quem trabalha sabe avaliar a hora difícil que os Pobres vivem. Os oportunistas lembram-se de si. Sempre de si. Os que trabalham doem-se dos Outros. Os da Secil, pioneiros nas cotizações prós gaiatos, entregaram 13.992\$ mais 1.220\$. Os da Sapec, 5.400\$. Os da Caixa de Providência de Setúbal, dez mil seiscentos e cinquenta. Da Pro-Funk, de Sines, 2.069\$. A revelação veio dos da Inapa

SETÚBAL

com 24.160\$20 e dos da Portucel com 11.135\$. Da Caixa Nacional de Pensões, 880\$. Alunos das Escolas da Secil, com 1.000\$ e de Faias com 140\$. Um padre amigo 600\$, outro 1.000\$.

O Grupo de Fraternidade «Pai Nosso» de Pinhal Novo, 2.000\$. Outro grupo de Setúbal, «Filantrópico», 10.000\$ para ferramentas. Mil de Lídia, Maria Alice, Manuela Pinto, Ema, Maria Manuela e Luiza. Quinhentos de Maria Eugénia, Maria Júlia, Maria de Lourdes, Óscar, Maria Rosa, Pompília Silvina também para pagar a assinatura do jornal e 300\$ de sua mãe. Outra Elvira com 2.000\$; outra Luiza com 600\$; Maria Adelaide 2.442\$; Georgina 1.200\$; Clarinda 100\$; outra Silvina 300\$ e Maria Natércia 250\$. Mais 500\$ da Arlete, Maria Gabriela e Maria Rita. Outro amigo que estremece sempre que chega o Natal e pela sua humildade, delicadeza e reconhecimento de sermos uma oportunidade, nos obriga a sentir «o Sobrenatural»: «a minha habitual lembrança — dez mil»; e mais «a dádiva» dum amigo seu «chamado à presença de Deus»: 5.050\$.

Vêm agora os casais. É cristianismo vivo vermos o amor conjugal a sair da sua esfera familiar e a difundir-se pelo mundo carecido. Um, em dor, repartindo muitas vezes conosco: 20.000\$. Outros 1.000\$;

1.500\$, mais 500\$, mais 1.000\$, mais 1.500\$, 50 dólares U.S.A., mais 1.000\$.

Ao nosso Padre José Maria cheque de 4.569\$30, mais cinco mil, mais 600\$.

De Lisboa um cheque de 4.000\$ de firma que não nos esquece.

A pedir uma Missa pelas almas, 1.000\$.

Anónimos em carta, 200\$, mais 400\$, mais 1.000\$.

Viúvas: vizinha 1.500\$; da Quinta do Anjo, 1.500\$ e bifés muitas vezes, mais outras quantias que Deus sabe; um «viúvo saudoso» 500\$.

Comunidades Cristãs: Da Anunciada, 10.000\$; da Quinta das Torres, 7.178\$; do Zambujal, 1.000\$; do Poceirão 720\$ mais 1.000\$; de Águas de Moura, 5.268\$40; na Capela da Secil, 1.000\$, mais 400\$, mais 70\$.

Quinta do Anjo de muitas modos e sempre, também com 300\$, mais 750\$, mais 1.000\$, mais 700 e tal. Palmela, do mesmo modo, pelas Senhoras que nos vêm ajudar a consertar a roupa, pelos vendedores de O GAIATO e directamente.

Um treinador de futebol, 1.000\$. Um agente de Seguros, 1.588\$50. Um Banco, 500\$.

Barão de S. Miguel (Algarve), letra bem conhecida, em carta carinhosa, 1.000\$. M. J., de Cuba (Alentejo), 200\$. José da Silva, 1.000\$. Um cristão, o mesmo.

Numa visita a uma doente, 100\$; familiares da mesma, 200\$. Na Setupneus 100\$, mais 100\$. No Outão, pedindo que celebre duas vezes e «lembrando os mais abandonados» quinhentos e cinquenta.

Matei saudades da M. M., do Porto, 500\$. Há tanto tempo que não aparecia que a julguei já na «Luz». Por um vendedor, 1.500\$. Por alma da mãe e seus defuntos, 1.000\$. Mais 500\$, mais 1.000\$ e mais um cheque com o mesmo.

Barreiro, 1.000\$, mais 250\$, mais 500\$. Escuteiros vieram Outra assinatura com 1.000\$ e mais 500\$ duas vezes.

Uma velhinha do Asilo, 100\$ passar um dia com os rapazes e deixaram brinquedos e mais 840\$.

Primeira reforma do marido, 2.400\$. Num funeral, 500\$. Para livros da biblioteca, dois mil, idem de Palmela, mais não sei de quem nem de onde, 4.590\$, mais 50\$. Por alma de Rui Manuel, 1.000\$. Pelo Pai de uma das nossas Senhoras, 1.000\$, mais 10.000\$, mais 5.000\$.

De um antigo gaiato e sua tia, 2.000\$. Mais 1.000\$, para assinatura e a pedir uma celebração da Eucaristia. Mais 500\$ como ajuda mensal e mais 200\$. Entregues na Casa de Lisboa, 3.000\$. Uma empresa, os costumados 1.500\$. O Governo Civil de Setúbal, 10.000\$. Ao Henrique, no Hospital, 200\$. Um avô de Oliveira de Azeméis, 100\$.

Júlio Mendes

Padre Acílio

O 2.º volume do «DOUTRINA»

Um equívoco

Alguns (poucos) leitores acusam recepção do 2.º volume DOUTRINA como se fosse uma repetição do 1.º!

É um equívoco. Motivado pela capa ser idêntica, o que é normal numa colecção com o mesmo título. Ou não teriam aberto o livro! Na primeira página do corpo da obra, a Nota da Editorial esclarece os mais desprevenidos...

No entanto, muitos dos que aguardaram ansiosamente o DOUTRINA exprimem a sua opinião sobre o livro, que tem o condão de estremecer as almas.

Aí temos Lourosa:

«Estou a ler o DOUTRINA com muito entusiasmo, pois desejo não continuar esquecido dos meus deveres para com o Próximo.

Tenho tantas e tão graves faltas, e tenho passado os dias da minha vida sem lhe dar qualquer sentido! Por isso, considero o DOUTRINA remédio abençoado, chamada de atenção para o cumprimento do meu dever.

Peço que nas horas mais difíceis que encontrei para le-

vantardes os Farrapos humanos e fazeres deles a grandeza de Homens de bem na sociedade, não vos esqueçais de implorar por mim e por meus familiares, para que nos sejam perdoadas tantas e tão graves faltas que temos cometido — pela falta de amor ao Próximo.»

As cartas são fogo!

Agora, é Lisboa:

«Gostaria que novas obras que forem sendo editadas m'as fossem enviando, pois desejo possuir, completo, esse manancial de amor que são as palavras que o Pai Américo escreveu.

E como hoje em dia há tão pouco quem escreva como ele

o fez e quem diga como ele o disse, que ao menos através das suas obras possamos ir revivendo princípios e lições de caridade e amor de que a Humanidade, em geral, e o povo português em particular, corre o risco de se ir esquecendo, tais são os «bombardeamentos» materialistas com que se atacam as consciências e as almas.

São de facto poucas e de fraca qualidade as «armas» com que nós, os Pais, hoje podemos lutar contra os que, por todos os meios, procuram ferir — e quantas vezes com feridas de morte! — uma juventude que, além de desprevenida, está mal acompanhada, mal aconselhada, mal formada e, quantas vezes, «bem» aliciada para seguir rumos errados.»

Outra vez Lisboa:

«Começo por vos agradecer o DOUTRINA do Padre Américo. Ou melhor, escrito por ele mas não sendo ele o seu autor, como tanto gostava de acentuar — e com razão. É, no fundo, uma tradução do Evangelho para os nossos dias. Por isso, à noite, serve-me como leitura espiritual, no jeito de

uma «Imitação de Cristo» para o homem de hoje.

Ainda recordo os textos quase todos de os ter lido no jornal. Mas nada perdem em ser lidos e saboreados uma e muitas vezes. E, infelizmente, com pouco proveito, pois não vamos até ao fundo, praticando a DOUTRINA em toda a sua exigência.

Junto um vale do correio, a minha «desobriga» como assinante de O GAIATO e pelo livro que me enviaram; e ainda como amigo que vive e acompanha todas as vossas obras. Muito em particular o Calvário, esse testemunho heróico de Fé. Por alguma coisa ele foi a última expressão de amor que brotou do coração de Pai Américo.»

Ainda de Lisboa, ou não seja a capital:

«Recebi o DOUTRINA do nosso querido Padre Américo. Vamos lendo, eu aos bocadinhos porque sofro da vista, e é sempre um encanto e uma revolução interior o contacto com aquela nobre alma.

A prosa do Padre Américo é fluente, espontânea, cheia de graça e de movimento.

Obrigada pela oferta. E como acho que mando pouquinho por este belo livro, tenciono depois acrescentar.»

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

lescola, onde os aparelhos de televisão são fechados e os alunos mandados para o recreio, durante as aulas de Religião. Isto, apesar dos encarregados de educação terem declarado que querem para os seus jovens a disciplina em causa. Infelizmente, quem assim procede, declara-se muitas vezes, para efeitos estatísticos, como católico e, não raro, usa crucifixos ou medalhas de Santos. Daqui chamamos à atenção dos Poderes Públicos. Ou as leis se cumprem ou, então, não venham dizer-nos que estamos em democracia. «Non verba, sed res», diz o adágio latino.

No desempenho dos nossos deveres, ainda há pouco fomos a uma determinada escola secundária saber de alguns dos nossos. Com grande espanto, na sala dos professores, fomos encontrar nas paredes a propaganda mais sectária, com recortes de jornais nada atinentes ao Ensino e aos problemas dele decorrentes. Ora, tal procedimento está em contradição com o que há estabelecido superiormente. Será que o Poder não terá meios de se fazer respeitar? Será esta a sociedade que nos prometem e que alguns, infelizmente, consideram como sinal de progresso?

Tragicamente, por outro lado, a qualidade do Ensino vai-se deteriorando a cada passo. Quem teve necessidade de fazer sacrifícios para se promover, em virtude de não possuir riqueza ou pais poderosos, congratula-se com o acesso de todos à cultura e aos conhecimentos em geral. Não pode, porém, deixar de protestar contra a degradação da qualidade do Ensino, que só pode forjar mediocres ou ignorantes. Há jovens com o 5.º e o 6.º anos que não sabem escrever uma carta e até conhecemos crianças no Ciclo que mal soletram e não sabem, sequer, a tabuada.

Para alguns estará muito bem, mas, em nosso entender, mais valia montar locais de distribuição dos diplomas dos vários cursos existentes, por exemplo, em quiosques centrais...

Um dos aspectos também a considerar é, sem dúvida, a indisciplina, tanto ao nível docente como discente. Cada um faz o que quer e se alguém pretende cumprir o seu dever, ensinando ou aprendendo, é apelidado de reacionário ou de ismos diversos. Muitos mestres(?), por outro lado, sem habilitações ou capacidade, podem ser os «gajos porreiros», desejados, mas nunca ensinam nada, antes pelo contrário. Pobre País, que vai delapidando o pouco que tem, ge-

rando a estupidez e a anarquia. Como consideramos verdadeiras as palavras de um velho Professor: «A ignorância é mãe da estupidez!»

Sem pretensões, ao correr da pena, aqui queremos compartilhar algumas das nossas apreensões. O futuro constrói-se no presente e supõe o empenhamento dos responsáveis. Por alguma coisa é, e talvez certos ingénuos não se apercebiam, que haja certas forças sociais preocupadas em ocupar, ao menos, os lugares-chave do Ensino, sobretudo dos primeiros anos e das Escolas Primárias, em ordem à desorientação e perversão da juventude. Chegada esta à idade de crise natural, a adolescência e passos seguintes, tudo será

PRESENÇA

Cont. da 1.ª pág.

direitos paternos.» «E a Igreja interroga-se preocupada se a maneira enfática como se vem inculcando o marxismo-leninismo, umas das «conquistas culturais revolucionárias de outros povos», se coaduna com a prioridade de «uma verdadeira cultura nacional» que a Lei Constitucional parece querer justamente manter, no «desenvolvimento de uma educação ao serviço do Povo».

É, pois, no sector da Educação da infância e juventude e na mentalização pressionada sobre todo o Povo, que radicam os motivos de preocupação. Por um lado a imposição desnacionalizante de um figurino que não veste na alma do Povo angolano. Por outro, a impossibilidade para os homens,

dotados de razão e de vontade livre, de «procurarem a verdade e ordenarem toda a sua vida segundo as exigências da verdade conhecida». Com efeito, «os homens não podem satisfazer a esta obrigação de modo conforme à própria natureza, a não ser que gozem, ao mesmo tempo, de liberdade psicológica e imunidade de coacção externa». «É ilusória, portanto, a liberdade de consciência e de culto, se dela se exclui a complementar «liberdade de expressão, reunião e associação, como se expressa na Declaração Universal dos Direitos Humanos.»

«A Igreja não tem que propor formas políticas — não é essa a sua missão. (...) Isto, porém, não quer, de modo algum, dizer que para um cristão toda a política seja igual.

O facto de a população de Angola ser natural e profundamente crente e a sua maioria cristã, tem implicações sociais e morais na sociedade, que a Igreja não pode esquecer.

«A imposição do materialismo ateu a uma população estruturalmente espiritualista e crente, parece-nos uma violência que pode trazer as mais funestas consequências no seio da grande Família Angolana.»

E os Bispos terminam a 1.ª parte desta sua Pastoral, com um acto de fé na independência de Angola, que não desejam apenas uma figura de Direito, mas um facto consumado: (...) «Muito esperamos do amor pátrio de todos os cidadãos, ao mesmo tempo que, mais uma vez, reafirmamos respeitosamente às Autoridades a nossa determinação de colaborar para o bem espiritual e material do nosso Povo, (...) que tanto respeito, carinho e sacrifício merece da parte de todos.»

Padre Carlos

fácil. Restará, depois, impingir certos conceitos pseudo-filosóficos e, com «slogans» mais ou menos estafados, atingir os seus objectivos.

Na verdade, vai tudo muito bem, mesmo óptimo!

● Precisámos de perguntar a um dos nossos alguns elementos de identificação, qual a sua idade e outros detalhes. Ouvimos com profundo respeito tudo o que nos disse. A Mãe já teve cinco homens, tal como a Samaritana do Evangelho de hoje! Os teóricos saberão como resolver tudo mas nós, pobres

e pecadores, continuamos à espera de corresponder aos problemas postos no dia-a-dia de nossa labuta! Sem ascultar e ouvir, porém, não será possível a justiça e o procedimento mais correcto. Para que saibam.

● As telefonias para as casas novas ainda não chegaram. Dizem-nos para insistir e, por isso, aqui vão mais estas letras. Bem hajam.

Casa do Gaiato de Lisboa — S. Antão do Tojal — Loures

Padre Luiz

Calvário

Cont. da 1.ª pág.

Tu nem uma noite aqui passavas por certo! E, se a isso fosses obrigado, não pregavas olho com o frio! Entretanto, há mais de um quarto de século que esta viúva paciente aqui reside. Hoje esta situação torna-se impossível, que todos se cansaram. E com alguma razão, porque o viver nestas circunstâncias não dá alento para suportar o próprio, quanto mais o viver alheio!

A Pobre enferma já não anda. Deu-lhe «uma coisa» na cabeça. A eloquência dos Pobres

não conhece propriedade de termos; mas também os sábios eloquentes, normalmente, não fazem ideia do que seja o tentar viver desta gente.

Sei que se fala, que se procura afanosamente soluções para o problema da Terceira Idade. Mas entretanto, e talvez depois de, muitos doentes idosos irão ainda morrer sem que a sua vida colha os frutos sonhados da campanha ora iniciada.

Como à anterior, também a esta doente vamos fazer justiça.

Padre Baptista

TRIBUNA DE COIMBRA

Dava um grande filme de doutrina social a vida dos oito que recebemos nos últimos dias. Embora com obrigação de já estar afeito a esta vida, tenho estremecido profundamente.

Um tem cinco anos, outro tem seis, mais outro tem sete, dois têm nove, outro tem dez, outro treze e o último dezasseis. De Coimbra e seus arredores, do Caramulo e de Angola.

Quando as mães vieram pedir a nossa ajuda ou as aflições chegaram em carta pelo correio, custou-nos muito a acreditar naquilo que os nos-

os ouvidos escutavam e os nossos olhos viam.

Tirámos umas horas a duas, tardes e fomos ver. Famílias de doze, de nove e de sete filhos. A doença, a morte, a infidelidade conjugal entrou e destruiu.

Que vamos nós fazer?

Vamos rezar. Vamos pedir perdão. Vamos amar. Vamos continuar a trabalhar para que todos os homens se sintam Irmãos. Vamos continuar a libertar homens para merecermos TODOS celebrar com Cristo uma Páscoa Feliz.

Padre Horácio

FESTAS

Quando estávamos a ultimar o material desta edição, telefona o nosso Padre Horácio por mor das Festas — organizadas pela Comunidade de Miranda do Corvo.

Recômda uma palavrinha sobre o acontecimento, datas previstas para a zona Norte e zona Centro.

Para já o calendário incompleto da digressão marca duas Festas em Abril: dia 22 Miranda do Corvo e 28 Leiria.

Em Maio será dia 1 (tarde e noite) em Coimbra, 4 no Coliseu do Porto (só uma sessão, não haverá «matinée»), 5 Aveiro, 8 Covilhã, 9 Fundão e 10 Castelo Branco.

Esperamos confirmação de datas no Porto e Aveiro, mas tudo leva a crer que não sejam alteradas.

Em próximas edições teremos mais pormenores sobre a romaria e, talvez, a ementa do programa.

Júlio Mendes



Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa